

Festival de Cannes 2024: uma celebração do cinema **sabetesportes** meio às águas azuis da Riviera

O Festival de Cinema de Cannes está **sabetesportes** pleno andamento na Riviera e, para mim, o FOMO é forte. Fui ao Cannes algumas vezes na história pré-Covid que parece tão distante, e sempre me diverti. Admito que muito do seu apelo vem da emoção elitista de ver um filme muito esperado, como "Once Upon a Time in Hollywood" ou "Parasita", bem antes do resto do mundo. Mas é toda a excentricidade **sabetesportes** torno dessas estreias que realmente me falta: os iates luxuosos à beira do Palais des Festivals com homens de casacos de Del Monte negociando acordos no convés; os painéis gigantescos que normalmente anunciam a McDonald's ou a H&M, mas agora promovem o último esforço artístico de Jacques Audiard; e, claro, o Marché du Film, o maligno gêmeo do festival, escondido no porão do Palais, onde os distribuidores tentam despertar interesse por coisas como "Sofá Assassino", "Tsunabee" ou "Santa Roubou o Nosso Cão".

Mesmo estando **sabetesportes** algum lugar a centenas de milhas de distância e **sabetesportes** uma temperatura muito mais baixa, é difícil não se entusiasmar com o Cannes. Ele marca o início de uma sequência, que vai até às festivais de outono (Veneza, Toronto, Telluride), que é a parte mais emocionante do calendário de cinema. É quando começamos a ouvir os primeiros murmúrios de boca **sabetesportes** boca sobre futuros clássicos e novos diretores promissores. Também é quando você pode ouvir falar que o esforço amplamente antecipado de um autor amado é realmente um fracasso.

Até às Oscars do próximo março, a opinião **sabetesportes** torno dos filmes deste ano terá solidificado. Todo mundo terá decidido o suposto favorito para o prêmio principal, o consenso sobre o que é bom e ruim estará bem estabelecido há muito tempo e uma certa fadiga **sabetesportes** relação ao ciclo de festivais e cerimônias de premiação terá se instalado. Mas, por enquanto, com esses filmes sendo vistos pela primeira vez, tudo tem frescor e potencial.

Retornos de cineastas renomados e novidades inesperadas na edição de 2024

Neste ano, o medidor de potencial do Festival de Cannes está atravessando o teto. Estão de volta diretores consolidados, como Audiard, Yorgos Lanthimos, Andrea Arnold, Sean Baker, Paolo Sorrentino, David Cronenberg e Paul Schrader. Também há blockbusters de alto risco, como o spin-off de Mad Max, "Furiosa" (a qual parece ter recebido boas críticas), e "Horizon: An American Saga", de Kevin Costner. Há estranhezas intrigantes, como "The Candidate", de Ali Abbasi, um biopic sobre Trump nos anos 70; e "The Substance", com Demi Moore e Margaret Qualley, no gênero body horror. Estão presentes os cineastas internacionais que a Academia provavelmente irá ignorar, mas que são reverenciados no mundo do cinema global, como Kirill Serebrennikov, Mohammad Rasoulof e Jia Zhangke. E há, provavelmente, meia dúzia de filmes que ainda não estão no radar de ninguém, mas que vão se destacar.

E, dominando tudo, está "Megalopolis", o magnum opus/loucura colossal de Francis Ford Coppola. É o filme que o diretor de "O Poderoso Chefão" tentou produzir há décadas, o filme que ele vendeu parte de **sabetesportes** vinícola para financiar, o filme que lutou para ser vendido a executivos devido à **sabetesportes** longa duração, narrativa elíptica e geralmente "loucura". É um clássico "filme de produção problemática", como este delicioso relato por trás das câmeras

do Guardian mostra. Mas também é o tipo de grande aposta que deveríamos nos entusiasmar e o Festival de Cannes, com seus níveis de aplausos e vaias de torcida, é o palco perfeito para ele. (Mais preocupante no artigo são as alegações de "comportamento antigo" **sabetesportes** relação às mulheres por Coppola durante as filmagens, mas essas são negadas pelo produtor executivo co-produtor do filme.)

Mesmo que "Megalopolis" seja um desastre - e as críticas iniciais sugerem que pode ser ("um filme inchado, entediante e enganosamente superficial", de acordo com Peter Bradshaw) - isso faz parte do charme de um lugar como o Cannes. Mesmo para aqueles de nós que assistem com inveja de longe.

Bayer Leverkusen deu uma etapa importante na direção de conquistar seu primeiro título da Bundesliga após uma vitória emocionante sobre Hoffenheim, logo antes da derrota de seu concorrente Bayern Munich **sabetesportes** uma tarde movimentada no futebol alemão.

Leverkusen marcou dois gols nos minutos finais para vencer por 2-1 e manter o seu recorde de invencibilidade na liga. Em seguida, o Bayern Munich, que já lutava contra uma série de má sorte na temporada, foi derrotado por 2-0 para seu maior rival, o Borussia Dortmund.

Com dez títulos consecutivos, parecia impossível antes do início da temporada que qualquer time seria capaz de retirar o Bayern do topo do campeonato alemão. No entanto, o Leverkusen está, agora, 13 pontos à frente do time de Munich, com sete jogos restantes.

Com mais três vitórias, o Leverkusen poderá garantir o título.

Após o jogo, o técnico do Bayern, Thomas Tuchel, confessou que o campeonato deve estar encerrado. "Obviamente, sim", disse Tuchel, segundo relato da Reuters. "Depois do jogo de hoje, não há necessidade de contar pontos. Quantos são agora? Parabéns ao Leverkusen".

Para o Leverkusen, mais da metade do campeonato ainda está por ser disputada e três troféus estão **sabetesportes** jogo. A equipe ainda é invicta **sabetesportes** seus últimos 39 jogos.

O Leverkusen iniciou mal a partida e ficou para trás logo no início do segundo tempo, mas, mais uma vez, evitou a derrota.

Embora os jogadores do Bayern tenham lutado contra a perda de pontos, o clube precisa voltar a se concentrar na Liga dos Campeões.

Informações do documento:

Autor: jandlglass.org

Assunto: sabetesportes

Palavras-chave: **sabetesportes - jandlglass.org**

Data de lançamento de: 2024-07-13